

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

Simone Pereira da Costa Dourado¹

Resumo: Nesse artigo apresento a dinâmica do mundo das vaquejadas e dos rodeios no Brasil e analiso as descrições dos tipos sociais que lhes dão vida, com o objetivo de compreender fenômenos sociais mais amplos, como a integração regional e as relações entre o rural e o urbano. Abordo a construção das fronteiras simbólicas, culturais e econômicas que classificam os grupos sociais em territórios específicos, como Norte e Sul, e mostro que a rápida urbanização da sociedade brasileira não foi acompanhada de um processo de integração total das áreas rurais ao projeto de desenvolvimento produtivo planejado pelo Estado desde o período colonial. Nesse sentido, o rural é concebido como a fronteira do urbano, lugar social passível de ser incorporado não só aos centros de decisão, mas também ao padrão de desenvolvimento produtivo adotado pelo país em diferentes períodos históricos.

Palavras-chave: Fronteiras, Rural, Urbano, Interpretações do Brasil.

Abstract: In this issue I introduce the dynamic world of rodeos and vaquejadas in Brazil and I analyze the descriptions for the social types that give them life, with the aim of understanding broader social phenomenon, such as regional integration and the relations between rural and urban. I approach the construction of symbolic boundaries, cultural and economic that classify the social groups in specific territories, such as North and South, and I show that the rapid urbanization of Brazilian society was not accompanied by a process of full integration of rural areas to the development project of production planned by the State since the colonial period. In this sense, the rural is designed as a border city, the social place that can be incorporated not only the decision-making centers, but also the pattern of productive development adopted by the country in different historical periods.

Keywords: Border, Rural, Urban, Interpretations of Brazil.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Políticas Públicas, todos da Universidade Estadual de Maringá-PR. Endereço eletrônico: simone@wnet.com.br

1. Introdução

No Brasil, as descrições das áreas rurais e urbanas, particularmente seus pontos de distinção e convergência, são tratadas de forma interdisciplinar. Especialistas de diversos campos do conhecimento, tais como os das ciências agrárias e do desenvolvimento rural, das ciências humanas e sociais, da demografia, da crítica literária e do folclore abordam as relações entre o rural e o urbano. Um conjunto de intérpretes do país, que possuem diversas inserções profissionais (bacharéis em Direito, médicos, engenheiros, historiadores, cientistas sociais, escritores, jornalistas, folcloristas etc.) também criaram recursos para falar das particularidades das áreas rurais e urbanas brasileiras e, ao definir o que é próprio de cada um desses espaços, estabelecem as características da população que nelas residem e das práticas culturais que nelas vigoram.

Nesse artigo analiso como as diversas interpretações criadas para falar do rural e do urbano no Brasil concebem o rural como a fronteira do urbano. Tomo a definição de fronteira em seu sentido simbólico, um lugar social identificado como passível de ser incorporado aos centros de decisão (FAULHABER, 2001, p.105) e ao padrão de desenvolvimento produtivo adotado pelo país em diferentes períodos históricos. Considero que a demarcação das diferenças entre esses dois ambientes físicos e geográficos contribui para criação de distinções simbólicas, culturais e socioeconômicas entre os grupos sociais que neles residem.

Análises consolidadas da sociologia dos processos sociais agrários (WANDERLEY, 2000 & 2001) têm insistido na ineficácia analítica de trabalhar com as categorizações de rural e urbano como polos opostos, demarcando a necessidade de pensar linhas de continuidade entre um e outro. Contudo, para além do reconhecimento de que é inoperante em termos teóricos, metodológicos e conceituais tratar rural e urbano como pares dicotômicos, é preciso considerar que a identidade de um foi construída em oposição à do outro. Os resultados de pesquisas contemporâneas na área das ciências humanas e sociais têm chegado a certo consenso operacional de que, no Brasil do tempo presente, o rural carrega traços do urbano e alguns espaços urbanos brasileiros, como várias cidades de pequeno e médio porte, formaram aglomerados urbanos muito vinculados

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

à dinâmica produtiva do setor agropecuário.

Nesse artigo me interessa, particularmente, as construções de folcloristas e cientistas para os rodeios e as vaquejadas², pois o objetivo é compreender como esses agentes produziram interpretações sobre a organização do Brasil rural e suas relações com o urbano. Investigo como, por meio da descrição dessas práticas culturais, tais pesquisadores construíram reflexões sobre o perfil da mão de obra empregada nas fazendas de gado do Nordeste e do Sul do país e, também, sobre o caráter, a projeção e as consequências da utilização do trabalho livre e da transformação de algumas práticas laboriosas em manifestações culturais que, ao criarem distinções regionais, justificavam a heterogeneidade da identidade nacional brasileira. Dessa forma, no Brasil, esses analistas construíram personagens emblemáticos - como os vaqueiros, os gaúchos e os peões - que deram densidade explicativa às suas teorias sobre o país.

Meu argumento é o de que, ao retomar a gênese dessas descrições, cria-se a possibilidade de compreender as significações atribuídas às relações campo/cidade e rural/urbano no Brasil, pois se evidencia a inquietação de um grupo de intelectuais com as transformações em curso em uma sociedade que transitava do trabalho escravo ao livre sem, obrigatoriamente, vivenciar relações de assalariamento e passava do rural ao urbano sem esquecer as práticas culturais sertanejas. Portanto, ao apresentar essas descrições, capto a própria construção intelectual desses espaços e de seus agentes sociais e tenho a oportunidade de discutir como, no Brasil, o rural se tornou a fronteira do urbano, o lugar a ser incorporado e, em certa medida, a ser superado.

As vaquejadas e os rodeios são descritos em estudos clássicos sobre a ocupação do território brasileiro e o processo de formação econômica do Brasil. Eles funcionam como elemento importante na construção das diversas “teses” sobre como o Brasil entraria na modernidade. Destaco que houve

² Rodeios e vaquejadas são atividades de montaria em touros ou cavalos, exercidas de forma lúdica e/ou esportiva. São típicos das fazendas de criação de gado do interior do Brasil, contudo, transcenderam a essas unidades produtivas e, na atualidade, são praticados como festa e esporte nas sedes urbanas de diversos municípios brasileiros.

Simone Pereira da Costa Dourado

um intenso debate sobre o perfil da mão de obra utilizada nas fazendas de gado, nas diferentes zonas de criação brasileira e mostro como a questão de fundo era refletir sobre como se deu, no Brasil, o processo de transição do trabalho escravo para o livre. Interessava, sobretudo, discutir a coexistência dos dois regimes de trabalho, dado o número considerável de trabalhadores livres que circulavam pela colônia, mesmo antes de 1888.

Os vaqueiros do Nordeste e os peões do Sul são figuras semelhantes, mas representam situações e estratégias de ocupação produtivas do território distintas. Tanto um quanto outro contribuem para criação do sertão e do rural como espaços do atraso, das relações sociais “arcaicas” e mostram a necessidade de transformação e de incorporação desses espaços não só à sociedade nacional mas a uma nova dinâmica produtiva que não devia e não podia mais contar com o trabalho escravo.

Divido esse artigo da seguinte forma: na primeira parte apresento as descrições das vaquejadas e dos rodeios por intérpretes do Brasil; na segunda, recupero o debate sociológico sobre o perfil da mão de obra empregada nas fazendas de criação de gado no Brasil e, por último, apresento algumas considerações sobre a tematização da fronteira rural/urbano como uma das expressões da dinâmica social e histórica nas interpretações do Brasil.

2. As descrições das vaquejadas e dos rodeios demarcando fronteiras entre o rural e o urbano no país

Em 1966, Sylvio Rabello, em prefácio à reedição de *A Vaquejada Nordestina e sua Origem*, feita pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, afirma que, naquela época, a vaquejada teria se transformado em simples motivo de festa, reunindo mais citadinos do que rurais. Servia mais como exibição de poucos cavaleiros do que como esporte³, que traria

³ A lei federal número 10.220/2002, de abril de 2001, que regulamenta a profissão do peão de rodeio, reconhece os rodeios e as vaquejadas como esporte. A criação dessa lei contempla os direitos dos que fizeram essa prática laboriosa de enlances e montarias sobreviver como atividade esportiva fora das fazendas de criação, tanto da região Nordeste, lugar de atuação dos vaqueiros, quanto das regiões Sul e Sudeste, lugar dos peões. Para uma análise detalhada da criação da lei, ver Dourado (2003).

ARTIGO

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

as velhas características da tourada ou mesmo da cavallhada⁴.

Para Rabello (1976, p.11), "(...) A própria vaquejada como festejo também não haveria de vingar à maneira de esporte popular". Suas apreciações denotam, em parte, saudosismo de um tempo em que o gosto pelas vaquejadas estava vinculado ao regime de criação do gado baseado na produção extensiva⁵, sem limites precisos para a propriedade da terra. No caso do Nordeste, essa atividade consolidou o vaqueiro como um personagem livre e destemido⁶, objeto de admiração e de respeito. Para esse comentarista da obra de Cascudo (1979), a vaquejada como um dos serviços das fazendas de gado desapareceu com as inovações implantadas nessas unidades de produção. Tais mudanças teriam inibido ou mesmo levado à extinção de sua prática como festejo, o que inviabilizou seu futuro como esporte.

A desilusão de Rabello com os efeitos das mudanças nos sertões nordestinos contrariou as ponderações do próprio Cascudo, autor do livro por ele prefaciado. Em nota para essa mesma edição de 1966, Câmara Cascudo (1976, p.15) destacou que, como "fórmula de serviço de campo", a vaquejada foi anulada em função das transformações pelas quais passou o sertão. Entretanto, diferentemente de Rabello, observou que as vaquejadas constituíram uma "exibição esportiva, espalhando-se pelo Brasil no saudosismo funcional dos nordestinos emigrados". Cascudo falou, também, da sobrevivência das

⁴ Vários autores relatam a existência de touradas e cavalladas no Brasil, sendo possível pensar que elas tenham influenciado os rodeios e as vaquejadas. As touradas foram proibidas em 1934, o que não impediu que algumas fossem realizadas, mesmo clandestinamente. As cavalladas continuaram legais, mas não teriam conseguido sobreviver porque não atraíam muito público. Para uma descrição das touradas e das cavalladas, no Brasil, ver, entre outros, Araújo (1964); Brandão (1981); Cascudo (1979); Goulart (1965 & 1964) e Neves (1980). Para uma apreciação comparativa entre Brasil e Portugal ver Viana (1973).

⁵ Nas descrições sobre os rodeios praticados na região Sul do país, principalmente no Rio Grande do Sul, também aparecem referências a esse momento em que a criação e o trato do gado aconteceram em fazendas sem cercas de arame farpado. Sodré (1970) afirma que esse regime de liberdade e autonomia é diluído com a formação das charqueadas, que demarcaram, ainda, a divisão de classes nas estâncias sulistas: de um lado, os proprietários/estancieiros e, do outro, os peões gaúchos.

⁶ Vaqueiros e peões são classificados como trabalhadores das propriedades pastoris no Nordeste e no Sul, respectivamente. Há uma série de diferenças entre esses dois tipos sociais, mas as descrições que deles são feitas apontam para criação de personagens viris, que executam os serviços de cuidado com os animais e de cultivo da terra.

Simone Pereira da Costa Dourado

vaquejadas nordestinas como “festa” e das tentativas de sua regulamentação como “competição”, que previa prêmios, anúncios, pregões, percursos delimitados, propagandas e a participação de concorrentes que não eram necessariamente vaqueiros, mas poderiam ser representantes dos grupos letrados e dominantes. Portanto, a vaquejada, de “festa mais tradicional do ciclo do gado nordestino”, que teve como marca registrada a “derrubada” do boi pela cauda, transformou-se em:

(...) uma competição de agilidade esportiva, exaltação de euforismo lúdico, independente dos processos normais da pecuária contemporânea. (...) Hoje é festa pública, nas cidades, com publicidade e alto-falante, fotografias e aplausos citadinos. Outrora as bromélias, xiquexiques e cardeiros eram as únicas testemunhas das façanhas.

Há regulamentos impressos, fixando classificações e penalidades, embora com jurisdição restrita. Vez por outra um espírito de porco tenta modificações e novidades mutiladoras, felizmente recusadas pela tradição invariável.

Concorrem os jovens vaqueiros e em maioria absoluta fazendeiros moços, homens titulados pelas Universidades, médicos, engenheiros, advogados, agrônomos. (...) A Vaquejada tornou-se esporte da aristocracia rural (CASCUDO,1976,p.28-9).

Cascudo pintou, em 1953, um quadro das vaquejadas que revelou uma série de aspectos presentes em eventos similares da atualidade: o caráter esportivo que, naquela época, era independente da forma como se “lidava” com o gado; o lado festivo; urbano e aristocrático. As vaquejadas e os rodeios, que ganharam o formato de grandes festas desde o final dos anos de 1980, também acontecem em arenas montadas em áreas urbanas, são grandes festas nas quais os peões competem, concorrendo aos prêmios e, em algumas situações, posições em campeonatos nacionais e/ou internacionais. Em relação ao conteúdo aristocrático, pontuo que esses eventos são, em sua grande maioria, promovidos por elites políticas e econômicas locais, interessadas em atrair um público que, ao buscar diversão, é alvo de diversos tipos de proselitismo político.

Há um ponto importante que parece demarcar continuidade entre as vaquejadas descritas por Cascudo, desde

ARTIGO

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

a década de 1930, e as atuais: o fato de terem se transformado de quem tem ou teve uma experiência concreta com o trabalho nas fazendas, mas também de pessoas que possuem, apenas, uma referência distante nesse tipo de vida ou, talvez, nem isso. Portanto, as mudanças pelas quais vinha passando o sertão e os grupos sociais que nele viviam podem ser exemplificadas com as transformações das vaquejadas.

No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo descreve os rodeios como tarefa desempenhada nas fazendas de gado da região Sul do país: “reunião do gado de uma estância no Rio Grande do Sul para contagem, cura de bicheiras ou qualquer outro mal, simples vistoria e para o aparte, seja para vender o gado apartado, seja para retirá-lo para outra invernada (CASCUDO, 1979, p.678).

Ele nada diz sobre o provável caráter festivo dos rodeios e nenhuma comparação é feita entre estes e as vaquejadas das fazendas de gado do Nordeste. Cascudo só tece comparações entre as duas atividades quando, em *A Vaquejada Nordestina e sua Origem*, explica a peculiaridade da “derrubada do boi pela cauda”.

Nessa importante obra de 1976, Cascudo toma as pinturas de Debret e Rugendas como referência para afirmar que, no Rio Grande do Sul, há retratos de novilhos vencidos à aguilhada, laço ou boleadeira, nunca pela “derrubada”. Nem mesmo em Portugal existiria notícia de “derrubada” do boi pela cauda. Nesse país, os elementos tradicionais são o laço, a vara de ferrão e o pampilho. A “derrubada” pelo rabo prevê uma humilhação muito grande para o animal, sendo um “opróbrio tauromáquico” (LEIRIS, 2001). Entretanto, Cascudo (1976, p.22) encontrou relatos de “derrubadas” pelo rabo em alguns países de colonização espanhola: México, Chile, Venezuela, Colômbia, Paraguai e Bolívia. A conclusão é que a vaquejada nordestina, com a queda do boi pelo rabo, deve ter origem espanhola.

A ausência da “derrubada” pela cauda, no Rio Grande do Sul, é, na opinião do conhecido folclorista potiguar, “surpreendente”, pois interrompe a prática empregada nos países vizinhos, Argentina e Uruguai. Cascudo (1976, p.24) encontra, ainda, o registro de “derrubada” do boi pelo chifre, popular no oeste norte-americano, conhecido como *bull-jumping*, que não consegue espaço no Brasil. Na América Espanhola, essa modalidade de “derrubada” pelo chifre é

Simone Pereira da Costa Dourado

conhecida como *toro coleado*⁷.

Sodré (1970, p.427), assim como Cascudo, descreve o rodeio como um espaço dentro das estâncias onde se faz a reunião do gado para apartar, marcar, contar, examinar, separar e curar as reses doentes. Normalmente, as estâncias têm, segundo ele, um ou mais locais fixos para o rodeio. Porém, esse autor destaca que o rodeio, como a atividade de serviço, mistura-se aos aspectos festivos e até mesmo esportivos do pastoreio gaúcho. Mas, assim como o fizera Cascudo, Sodré previa que os rodeios, entendidos como práticas laboriosas, tendem a “desaparecer” com o declínio da pecuária extensiva e a introdução de outras formas de cuidado. Estas implicavam a separação do gado em recintos cercados (piquetes, mangueiras e potreiros), tornando os atos necessários para o trato com os animais menos arriscados, tanto para integridade do animal, quanto para a do peão.

Alceu Maynard Araújo (1964) confere especial atenção aos rodeios que acontecem nas regiões cafeeicultoras de São Paulo, equiparando-os às “tradicionais” e “consagradas” formas de recreação popular da tourada e da vaquejada. Diferentemente do trabalho de reunir o gado para contar, curar, marcar e dar sal, no Estado de São Paulo o rodeio surge como uma “doma festiva”.

Os rodeios do interior de São Paulo ganharam independência dos programas das touradas e se tornaram acontecimento notável, autônomo e consagrador do peão de boiadeiro e dos domadores: “(...) O rodeio é uma festa de folguedo popular praticado em geral logo depois do término das longas caminhadas da comitiva que após as muitas marchas (...) chega ao ponto de entrega da manada” (ARAÚJO, 1964, p.287).

Feitos em praças amplas, em estádios de esporte, campos de futebol, frisa Araújo (1964, p.288), não “copiavam” seus congêneres norte-americanos, eram “brasileiríssimos” como os realizados no Rio Grande do Sul. O traje do peão de rodeio,

⁷ Outros comentadores, por exemplo, Araújo (1964), também consideram que a “derrubada” do boi pela cauda é a grande marca distintiva das vaquejadas nordestinas, simplesmente porque, no nordeste, a vegetação de caatinga e carrascais impossibilita os enlases. Não entra esse autor no mérito de possíveis influências espanholas ou portuguesas.

ARTIGO

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

mesmo nessa zona do café, era a calça bombacho, a bota sanfona e o sombreio com o barbicho preso ao queixo, como os gaúchos que circulavam pela região, desde o tempo em que traziam as tropas para famosa feira de boi e muares de Sorocaba.

Para Araújo (1964, p.288-289), os rodeios eram espetáculos de demonstração de perícia e masculinidade e diziam muito sobre a coragem e habilidade de seus participantes para laçar, a pé ou a cavalo, animais em corrida e montar animais xucros - um exemplo de tradição que não se extinguiu, mas se renovou e se revitalizou, sendo a “festa coroadora” do peão de boiadeiro.

A famosa festa do Peão de Barretos estava na sua oitava edição quando Araújo fez esses comentários sobre os rodeios do interior de São Paulo. Suas observações estão em sintonia com um dos objetivos listados por seus organizadores: promover uma homenagem aos peões de boiadeiro. Interessante perceber o esforço para firmar São Paulo como uma região cafeeicultora que era também ponto de chegada e, às vezes, de permanência para aqueles profissionais da pecuária que transitavam pelo país. Assim, o gaúcho do Sul encontrou espaço para praticar a cultura gaudéria dos rodeios, misturando-o com a tradição das touradas que já existiam nessa democrática zona do café. Como apontei acima, Cascudo também destacou que as vaquejadas sobreviveram no sudeste, no “saudosismo funcional dos nordestinos emigrados”, que também vinham trabalhar nas fazendas de café.

3. Vaquejadas, rodeios e o debate sociológico sobre o perfil da mão de obra utilizada nas fazendas de gado

As vaquejadas e os rodeios são descritos em estudos clássicos sobre a ocupação do território brasileiro e o processo de formação econômica do Brasil. Eles funcionam como um elemento importante na construção das diversas teses sobre o perfil da Nação.

Observe-se o importante trabalho de Ianni (1962), que discute a questão da escravidão negra no Brasil Meridional. Tendo com foco a região considerada uma continuidade dos pampas gaúchos, as pastagens paranaenses adjacentes à Curitiba, conhecidas como Campos Gerais, ele detalha as articulações

Simone Pereira da Costa Dourado

entre as fazendas de gado dessa região do Paraná, o extremo Sul do país e o interior de São Paulo. Seu estudo confirma que a feira de Sorocaba (SP) foi a “expressão mais autêntica da nova configuração da economia do Brasil Meridional”, no segundo quartel do século XVIII, representando a conexão efetiva dos criadores do extremo Sul e dos Campos Gerais com os pontos de comércio em São Paulo.

Ianni (1962, p.50) define que o regime de trabalho predominante nas fazendas de gado dos Campos Gerais é o escravo, havendo, nessa região, o proprietário do latifúndio, do gado e dos meios de produção. Tratava-se de um “sistema econômico-social onde a terra e o escravo são os fatores fundamentais da produção, e cujos produtos os senhores consomem ou comerciam” (IANNI, 1962, p.55). Ele se refere brevemente ao rodeio, não como uma prática festiva, mas como uma atividade comum no dia a dia do trato com o gado (marcação, castração, cuidados e a reunião em currais), destacando a existência de empregados que eram responsáveis pela doma de animais. Assim, a sociedade rural que se organiza em torno das fazendas de gado do Paraná se estrutura em uma unidade de produção praticamente auto suficiente, tendo trabalhadores vinculados à produção de subsistência, ao artesanato e aos cuidados com os animais. Ianni (1962, p.65) estabelece uma discordância profunda com a visão que ele classifica de generalista, exemplificada, principalmente, pelo trabalho de Nelson Werneck Sodré, *Panorama do Segundo Império*, de 1939, que procura negar a existência de trabalho escravo nessas fazendas de gado do Paraná.

Segundo Ianni, as fazendas de gado dos Campos Gerais, no Paraná, não teriam se constituído em uma exceção no quadro geral brasileiro, porque também se basearam na utilização do trabalho escravo. Ele defende, ainda, a ideia de que não existe uma rígida distinção entre zonas de criação e de produção, mostrando que, na região em questão, coexistiam a pecuária, a agricultura de subsistência, o artesanato e a produção de artefatos necessários ao trabalho.

Em contrapartida, Caio Prado Júnior, em *Formação do Brasil Contemporâneo*, publicado em 1942, fala de uma separação bem nítida entre a pecuária e a cultura da terra no Brasil colônia. A primeira teria se desenvolvido de forma simplista, seguindo as leis da natureza, o maior cuidado seria o

ARTIGO

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

de evitar o extravio do gado e de reuni-lo para ser utilizado. Teria ocupado, portanto, áreas impróprias para a agricultura e, por determinação metropolitana, só poderiam ser praticadas a 10 léguas marítimas para dentro do território.

Segundo Prado Jr (1987, p.189), em princípios do século XIX, a pecuária distribuía-se, no Brasil, em três grandes zonas: os sertões do Norte, a parte meridional de Minas Gerais e as planícies do Sul, incluindo os Campos Gerais do Paraná. Cada uma dessas regiões manteria sistemas criatórios específicos. A primeira, os sertões do Norte, era uma vasta região de mais de um milhão de quilômetros quadrados que se estendia pelo rio Parnaíba e norte de Minas Gerais, ocupando ainda uma pequena parte do Maranhão e as margens do rio São Francisco. Na sua avaliação, os processos empregados nessa região eram os mais rudimentares e primitivos, predominando o grande proprietário absenteísta, senhor de dezenas de fazendas, que vivia nos centros do litoral, e a mão de obra empregada era a dos vaqueiros - mestiços de índios, mulatos ou pretos. Então, nessa região de proprietários ausentes, vigorava o trabalho livre feito pelos vaqueiros, em um ambiente extremamente adverso e com poucos recursos técnicos. Na segunda região, o sul de Minas, a grande diferença no sistema de criação seria o emprego de obras divisórias que tanto separavam as fazendas entre si como, internamente, separavam uma mesma fazenda, em partes distintas. No sul de Minas, a indústria de laticínios foi importante e utilizou o trabalho escravo e/ou livre. Os proprietários não eram absenteístas, existindo uma colaboração íntima entre eles e os trabalhadores. Sobre a terceira zona, o extremo Sul e os Campos Gerais do Paraná, o autor destacou as condições naturais admiráveis dos campos paranaenses, já descritos por Saint-Hilaire como o "paraíso terrestre do Brasil". Nos Campos Gerais a produção esteve voltada para o abastecimento de São Paulo e Rio de Janeiro, ao passo que, no extremo Sul, vinculou-se, principalmente, aos países vizinhos. Segundo Prado Jr, no início, a pecuária do extremo Sul era um caos: o gado semi-bravio era antes caçado do que criado. O caos só foi organizado com a indústria do charque. A superioridade da pecuária do Sul, quando comparada à do Nordeste, justificou-se apenas pelas melhores condições naturais dos pampas, porque o papel desempenhado pelo homem foi idêntico tanto no extremo Sul quanto no Nordeste: nas duas regiões, por ser o gado semi-

Simone Pereira da Costa Dourado

selvagem, era preciso domá-lo. No extremo Sul, trabalhavam capatazes e peões, muito raramente escravos. A peculiaridade natural, portanto, faz dessa terceira zona um lugar menos inóspito, mais alegre e que vê emergir um tipo humano extraordinário, os peões. Interessante observar que, assim como o vaqueiro do Nordeste, o peão da campanha é, na maioria das vezes, um trabalhador livre.

O vaqueiro do Nordeste é um trabalhador livre, mas não há referências ao assalariamento; os peões do Sul, que não eram escravos, já estariam, segundo Prado Jr. (*op. cit.*), experimentando o regime de trabalho assalariado. O rodeio é apresentado como uma atividade laboriosa, porém festiva, controlado por personagens socialmente indecisos, mas aventureiros e nômades. Por último, Prado Jr (1987, p. 208) considera que a área de pecuária dos Campos Gerais, embora de importância muito menor que a do extremo-sul, parecia muito mais estável e organizada, não se encontrando o gado em estado semi-selvagem. Neles teriam sido formadas fazendas e não estâncias. Quando as segundas se projetam, as primeiras já não são mais as grandes abastecedoras de todas as províncias do Sul e do Rio de Janeiro, pois para que os esforços da metrópole de povoar o Rio Grande do Sul fossem bem sucedidos, era preciso inibir a criação no Paraná.

Destaco que houve, portanto, um intenso debate sobre o perfil da mão de obra utilizada nas fazendas de gado nas diferentes zonas de criação brasileira. Na verdade, a questão de fundo era refletir sobre como se deu, no Brasil, o processo de transição do trabalho escravo para o livre. Interessava, sobretudo, discutir a coexistência dos dois regimes de trabalho. No caso específico da presença do trabalho escravo nas zonas de criação do Rio Grande do Sul e dos Campos Gerais houve uma discordância entre os analistas. Dos autores acima analisados, Sodré (1970) e Prado Jr. (1987) apontam para quase inexistência desse tipo de trabalhador nas estâncias do Sul e nas fazendas do Paraná. Ianni (1962), por sua vez, afirma o contrário. Os autores descrevem, ainda, os vaqueiros e os peões como trabalhadores característicos dessas unidades de produção, praticantes dos rodeios e das vaquejadas, como atividades de trabalho, lúdicas e esportivas.

Seguindo com o conjunto de descrições sobre como se organizaram as fazendas de gado no Brasil, ponto importante

ARTIGO

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

trabalho de Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil*, editado pela primeira vez em 1959. Nele, o referido autor afirma que a expansão da economia açucareira exige a criação de animais para o trabalho e para a alimentação. Como não é possível conjugar gado e plantação, procede-se à separação dessas duas atividades econômicas. A ocupação de terras para as fazendas de gado era distinta da plantação de cana de açúcar porque se baseava no regime extensivo e, até certo ponto, itinerante. Assim, até meados do século XVII, a plantação da cana de açúcar teria estimulado a penetração para o sertão, ocupado com as fazendas de gado. No século XVIII, a atividade mineira comandou o desenvolvimento da criação no Sul. A economia mineira dependia de um “complexo sistema de transporte”, criando-se um grande mercado para os animais de carga, principalmente as mulas. Para Furtado (1961), as mulas e o gado para corte também teriam sido os responsáveis pela integração do Sul ao conjunto da economia nacional. As primeiras, mais que o gado, foram a principal fonte de renda da região Sul. Os animais eram concentrados em São Paulo e lá, em grandes feiras, eram distribuídos aos compradores de outras regiões.

A descrição e análise das diferenças no interior de algumas regiões brasileiras e as comparações mais amplas entre elas têm destaque na obra *Brasil Terra de Contrastes*, de Roger Bastide (1959). Nesse trabalho, Bastide afirma que, além do Nordeste agreste, do algodão e da cana, havia o outro Nordeste, o da civilização do gado e do couro, caracterizada como a civilização do sertão, que teve como uma das suas principais marca a quase ausência do negro escravo, uma vez que a criação de gado não necessitava de mão de obra abundante. O escravo, quando existia, era o doméstico, que cultivava a roça ou cozinava. Os índios, entretanto, juntaram-se aos brancos e deram a raça mestiça de vaqueiros e domadores do espaço. Essa sociedade de vaqueiros domadores do espaço e, também, de mulheres silenciosas, todos mestiços, teve uma moral sexual severa e pura, assentada na autoridade paterna, que persistiu mesmo depois que tal civilização de criadores tornou-se agrícola, com a cultura do algodão ou, quando se urbanizou, com a fábrica têxtil. A civilização do pastoreio, assim como a da cana de açúcar, se pautou no latifúndio e na família patriarcal, mas a primeira apoiou-se na camaradagem dos vaqueiros livres e foi mais

Simone Pereira da Costa Dourado

indefinida e democrática, e a segunda na escravidão africana, sendo mais estruturada e hierarquizada. Foram complementares, ajustadas uma à outra, apesar de antagônicas.

Citando Capistrano de Abreu (?), o conhecido sociólogo francês Roger Bastide argumentou que essa civilização do sertão era também a do couro: a vestimenta do vaqueiro, até mesmo a sua mobília e os instrumentos de trabalho eram feitos em couro, estando esse outro Nordeste centralizado nos animais: cabras, carneiros, cavalos e, principalmente, o boi. Sobre a relação dos vaqueiros com este último ele disse: "(...) Compreende-se que, nestas condições, a amizade se desenvolva entre o vaqueiro e o boi, tão independentes, tão nômades, tão devoradores do espaço, tão combativos um quanto o outro" (BASTIDE, 1959, p.82).

Bastide (1959, p.83) fala da festa da vaquejada como aquela que teria a função de separar os animais, que se misturavam nos campos abertos, para restituí-los aos diferentes proprietários, depois de devidamente marcados a ferro em brasa, de maneira que pudessem sempre ser reconhecidos quando encontrados. Entretanto, desde o final dos anos de 1930, o sertão, no seu entender, vinha se transformando e as propriedades começavam a ser cercadas por conta da valorização das terras, o que, de certa forma, esvaziou a função das vaquejadas como trabalho, mas não como festa.

Sobre as atividades produtivas ligadas à pecuária, desenvolvidas no extremo Sul do país, Bastide (1959, p.150) afirma que somente no século XVII o governo metropolitano inicia a política de integração dos pampas à comunidade e à economia brasileiras. O povoamento teria ocorrido da seguinte forma: no litoral com os colonos açorianos e no interior com famílias paulistas. Os cavalos e bois trazidos pelos jesuítas se reproduziram pelos pastos cobertos de capim-gordura e os paulistas, ao chegarem aos pampas, organizaram um pequeno bando de brancos e de mestiços de índios, dividindo-se em dois grupos: os que aprisionavam os cavalos em liberdade e os que guardavam os animais capturados. Dessa forma, surgiram as grandes propriedades de criação de gado tanto cavalar quanto vacum, chamadas de estâncias.

O abandono, contudo, não foi total porque, na estância sem cerca, ainda era preciso novas disparadas para reunir e separar os rebanhos. Domesticados os rebanhos, surgiram as

ARTIGO

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

charqueadas, que exigiram um volume bem maior de mão de obra. Com base nos relatos de Saint-Hilaire e Louis Couty, Bastide afirma que, no Rio Grande do Sul, assim como no Paraná, a situação dos escravos era melhor: comiam e vestiam-se melhor, eram habituados ao exercício físico, constituindo uma “bela raça”. Já os senhores das estâncias, que trabalhavam tanto quanto eles, os negros, os tratavam com menos desprezo. A criação de gado e muares teria desempenhado essa função democratizadora.

Diferentemente da civilização nordestina do couro, no Sul, se constituiu a civilização do cavalo, dos centauros. Os índios Guaicurus teriam sido os primeiros a utilizar os cavalos selvagens para mostrar superioridade, para guerra e para prática de esportes violentos. O cavalo foi incorporado à atividade guerreira, tornando-se uma nova arma. Bastide observou que o paulista foi, assim, o segundo a encontrar as manadas em liberdade, dando lugar ao segundo centauro, o gaúcho, o “centauro branco”, que surge após o “centauro bronzeado”. Para o negro, o cavalo foi uma forma de igualar-se ao branco, tornando-se, ele também, um ser alado. De acordo com Bastide (1959, p.157), a cavalgada funcionou para os grupos subalternos como a compensação natural à tristeza e ao ressentimento. Ele lembra o que disse Emílio Willems, considerando os alemães que vieram para o Brasil: o cavalo, para esse grupo, significou alcançar uma condição impensável em sua terra de origem - ser cavaleiro. Aqueles imigrantes não se serviram dele como um instrumento de trabalho, que substituíram pelo burro ou pelo boi, mas o utilizaram para atividades nobres, passeios e esporte. Em resumo, o cavalo concedeu, ao escravo, a imagem de liberdade e, ao estrangeiro, o símbolo da promoção social.

Nos romances gaúchos, lembra Bastide (1959, p.158), o amor profundo desses homens foi, muitas vezes, maior pelo cavalo do que pela mulher. Os amores foram antes de tudo uma demonstração de força, das razões de lutar com outros homens. No relato dos viajantes, os cavalos selvagens e os touros são sempre capturados com o laço ou com as bolas; a dança é à maneira espanhola, sem tocar na mulher, conservando as esporas nas botas; já os enterros, são seguidos a cavalo. Tudo indicava que, talvez, “esses centauros não soubessem mais andar a pé, mesmo para acompanhar um caixão”.

Bastide definiu, portanto, uma perspectiva para

Simone Pereira da Costa Dourado

compreender a organização da sociedade brasileira: se deteve no perfil da mão de obra e nas atividades produtivas desempenhadas no interior das fazendas de criação de gado e naquelas ligadas ao campo. O trabalho escravo, na sua forma mais hierarquizada, só teria sido encontrado na região produtora de cana-de-açúcar. Nas fazendas de gado, do Nordeste e do Sul, a criação extensiva teria possibilitado um contato mais democrático entre diversos grupos sociais (índios, negros e brancos). As duas civilizações, a do couro (Nordeste) e a do cavalo (Sul), foram marcadas pela emergência de um personagem forte, viril, hábil na doma de animais e do espaço: os vaqueiros e peões - ambos formados, principalmente, do contato de índios com brancos. Essas regiões de fronteira foram incorporadas à dinâmica produtiva a partir da criação de gado *vacum* e cavalar, sendo que, os personagens humanos descritos por Bastide herdariam várias das características dos animais com quem se relacionam: independência, nomadismo e resistência.

4. Considerações finais

Um estudo sobre a dinâmica do mundo das vaquejadas e dos rodeios no Brasil e uma análise da descrição dos tipos sociais que lhes dão vida pode ser a porta de entrada para se abordar fenômenos sociais mais amplos, como a integração regional e as relações entre o rural e o urbano no país. Pode, em parte, contribuir para que se compreenda como foram construídas as fronteiras simbólicas, culturais e econômicas que classificam os grupos sociais em territórios específicos, como Norte e Sul, e mostrar que a rápida urbanização da sociedade brasileira não foi acompanhada de um processo de integração total das áreas rurais ao projeto de desenvolvimento produtivo, planejado pelo Estado desde o período colonial.

Assim, nem toda cidade brasileira se tornou uma metrópole e nem todo aglomerado urbano que aqui se constituiu, nas margens dos “sertões urbanizados ou em vias de”, como lembra Cascardi (1976), rompeu integralmente como o modo de vida rural. Ao analisar as diferenciações entre rural e urbano feitas por intérpretes do Brasil, evidencio que a definição do rural como fronteira do urbano é uma construção

ARTIGO

O RURAL COMO FRONTEIRA DO URBANO: RODEIOS E VAQUEJADAS NAS INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

social que considera processos relativos à mobilidade e à mobilização de forças sociais e históricas na dinâmica social, ficando nítida a influência dos grupos urbanos e da ação do poder público, ambos comprometidos com o desenvolvimento das relações de exploração capitalista da terra e com a polarização desses espaços (FAULHABER, 2001, p.107).

Assim, as descrições das vaquejadas e dos rodeios, que apresentei neste artigo, é uma das vias de compreensão dos espaços urbanos brasileiros que se constituíram ao largo das nossas grandes metrópoles. Espaços plenamente urbanizados, mas articulados às atividades produtivas do setor agropecuário e da agroindústria. Em grande medida essas novas áreas urbanas são pequenas e médias cidades, que têm, hoje, o maior crescimento populacional do país e que concentram atividades lúdicas e laboriosas que guardam como referência a vida nas áreas rurais, no sertão, na roça que se iluminou.

Referências Bibliográficas

- ARAUJO, A. M. 1964. *Folclore Nacional*. São Paulo: Edições Melhoramentos. Vol II, 1964, p. p. 265-297.
- BASTIDE, R. *Brasil - Terra de Contrastes*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.
- BRANDÃO, C. R. *Cavalcadas de Pirinópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Ed. Oriente, 1981.
- CASCUDO, L. da C. 1976. *A Vaquejada Nordestina e sua Origem*. Natal: Fundação José Augusto.
- CASCUDO, L. da C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1979.
- DOURADO, S.P.C. *Esporte e paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil*. Movimento, Porto Alegre, vol. 9, nº 2 maio/ago 2003, p.p.71-87.
- FAULHABER, P. *A Fronteira na Antropologia Social: as diferentes faces*

Simone Pereira da Costa Dourado

de um problema. BIB, São Paulo, nº 51, 1º semestre de 2001, p.p. 105-125.

FURTADO, C. *Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GOULART, J. A. *O Cavalo na Formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

GOULART, J. A. *Brasil do Boi e do Couro*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.

IANNI, O. *As Metamorfoses do Escravo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

LEIRIS, M. *Espelho da Tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

NEVES, D. P. 1980. "Pompa e Circunstância": estudo do aspecto do sistema de relações sociais subjacente a uma festa católica". In: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ. Nº 35, 1980.

PRADO Jr., C. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RABELLO, S. "Duas palavras sobre o novo ensaio de Luís da Câmara Cascudo". In Cascudo, L.C. *A Vaquejada Nordestina e sua Origem*. Natal: Fundação Joaquim Augusto, 1976.

SODRÉ, N. W. *Tipos e Aspectos do Brasil*. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1970 p. p. 419-427.

VIANA, M. *As Cavalhadas em Portugal e no Brasil. Ensaio de História Comparada*. Lisboa: Separata do Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa. Série III, nºs 75-78, 1973.

WANDERLEY, M. N. B. *A Emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o "rural" como espaço singular e ator coletivo*. Estudos Sociedade e agricultura. Rio de Janeiro, CPDA. nº 15, 2000, p.p. 87-145.

WANDERLEY, M. N. B. *A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural*. Disponível <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>, acesso em 2001.

Recebido em: 14/10/2013 - Aceito em: 18/11/2013

ARTIGO